

## O ABRIGO DE ARTE RUPESTRE DA PALA PINTA — ALIJÓ

Em 1985, data da realização deste trabalho<sup>1</sup>, o abrigo de arte rupestre denominado Pala Pinta era um dos três conhecidos do Norte de Portugal<sup>2</sup>.

A 1ª referência a esta estação é de 1922, num pequeno trabalho de Horácio Mesquita, com aditamento de Vergílio Correia, seu professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra<sup>3</sup>.

Mais tarde, em 1933, foi feito um trabalho mais completo, da autoria de J. R. dos Santos Júnior<sup>4</sup>.

Administrativamente a Pala Pinta pertence à freguesia de Carlão, concelho de Alijó, distrito de Vila Real. Fica situada a cerca de 400 m. para SW do vértice geodésico Janianes, numa encosta de difícil acesso. As suas coordenadas Gauss são M e P, respectivamente, 261,8 e 481,3, sendo a sua altitude média de 500 m.

Em pleno vale do rio Tua, afluente do Douro, a vegetação predominante no local é o pinheiro, a vinha, o zimbros, mato e carqueja.

Segundo a Carta Geológica de Portugal à escala de 1/500.000, estamos numa zona de «granitos predominantemente alcalinos, de duas micas, às vezes gnaissóides, raramente porfirídes».

O abrigo encontrava-se totalmente coberto de densa vegetação. Depois de convenientemente cortada procedeu-se ao desenho da planta, alçado e cortes, à escala de 1/20.

Isolados os painéis com pinturas, foi feito um reconhecimento à lupa, a fim de nos certificarmos da existência ou não quer de sobreposições, quer de diferentes tonalidades cromáticas. Foi assim verificado que há apenas uma cor neste abrigo, sem qualquer sobreposição. Trata-se de um vermelho sanguíneo um pouco escuro (e não «cor de borras de vinho», segundo Santos Júnior<sup>5</sup>). As manchas negras referidas por este autor tratam-se efectivamente de cristais de turmalina negra. Não são distinguidas tonalidades diferentes, pelo que terá havido uma única fase de execução dos motivos pintados. Como preparação prévia, não há qualquer tinta que servisse de «base»; há sim, indícios, embora ténues, de a superfície do painel 2 ter sido aplainada por fricção.

A fase seguinte do trabalho consistiu no decalque das pinturas em polivinil de cristal à escala 1/1. De referir que todas as fases fotografadas exaustivamente (p/b e diap.).

No que diz respeito aos motivos representados temos assim:

---

<sup>1</sup> O trabalho de campo foi realizado em Julho de 1985. Além do signatário foram responsáveis Fernando Barbosa, desenhador do Museu de D. Diogo de Sousa (decalque, planta, alçado e cortes), Vlademiro Pires, técnico auxiliar de arqueologia do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte (planta, alçado, cortes e fotos). Os trabalhos foram financiados pelo I.P.P.C. e contaram com a colaboração da Câmara Municipal de Alijó, o que aqui se agradece.

<sup>2</sup> Os outros eram o Cachão da Rapa em Carrazeda de Ansiães e Penas Róias em Mogadouro.

<sup>3</sup> MESQUITA, H. e CORREIA, V. (1922), *Arte Rupestre em Portugal — Pala Pinta*, «Terra Portuguesa», Lisboa, IV, pp. 145-147.

<sup>4</sup> JÚNIOR, J. R. S. (1933), *O Abrigo Pré-Histórico da Pala Pinta*, «Trabalhos de Antropologia e Etnografia», Porto, 4, pp. 33-43.

<sup>5</sup> Op. Cit.

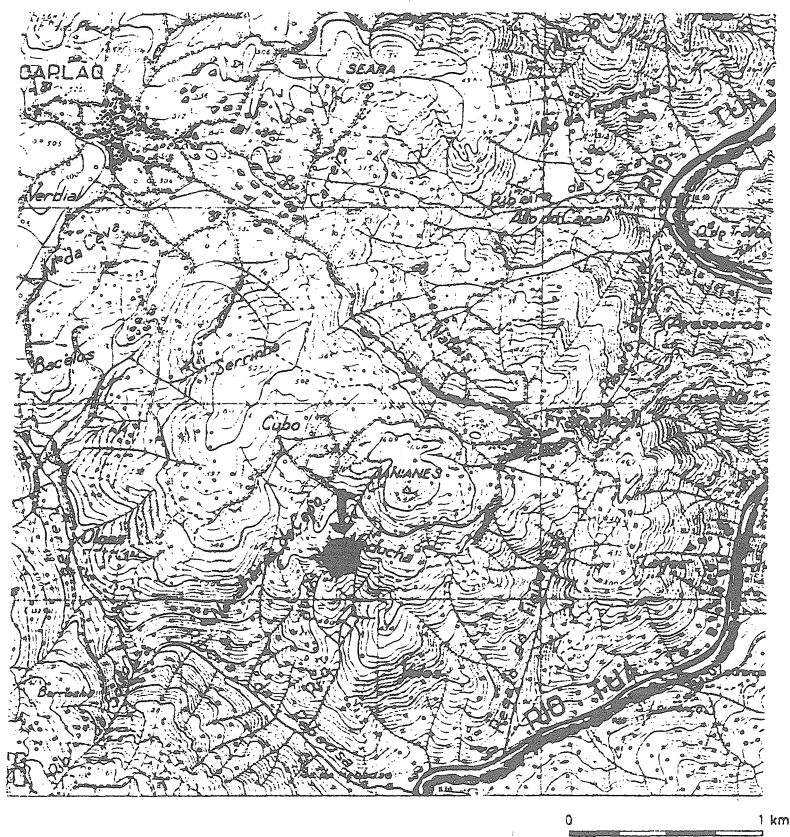


Fig. 1 — Localização da Pala Pinta. C.M.P./S.C.E. à escala 1:25.000; folha 103 — Sanfins do Douro (Alijó).

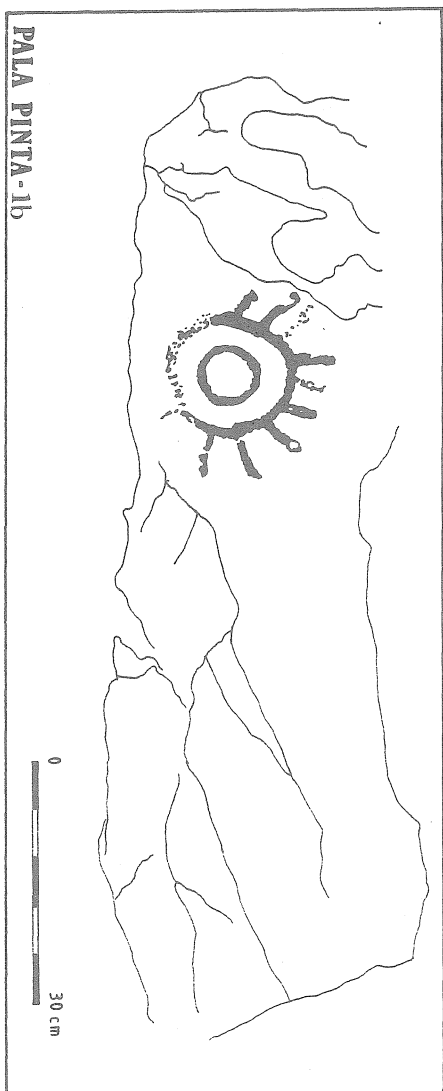
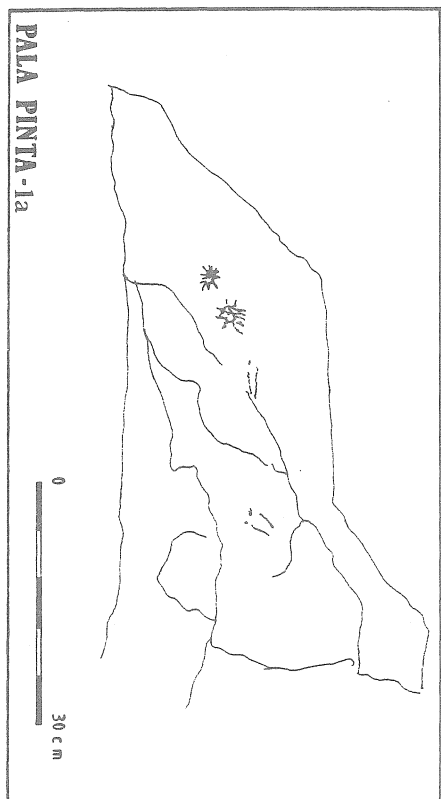


Fig. 2 — Painéis 1a e 1b.

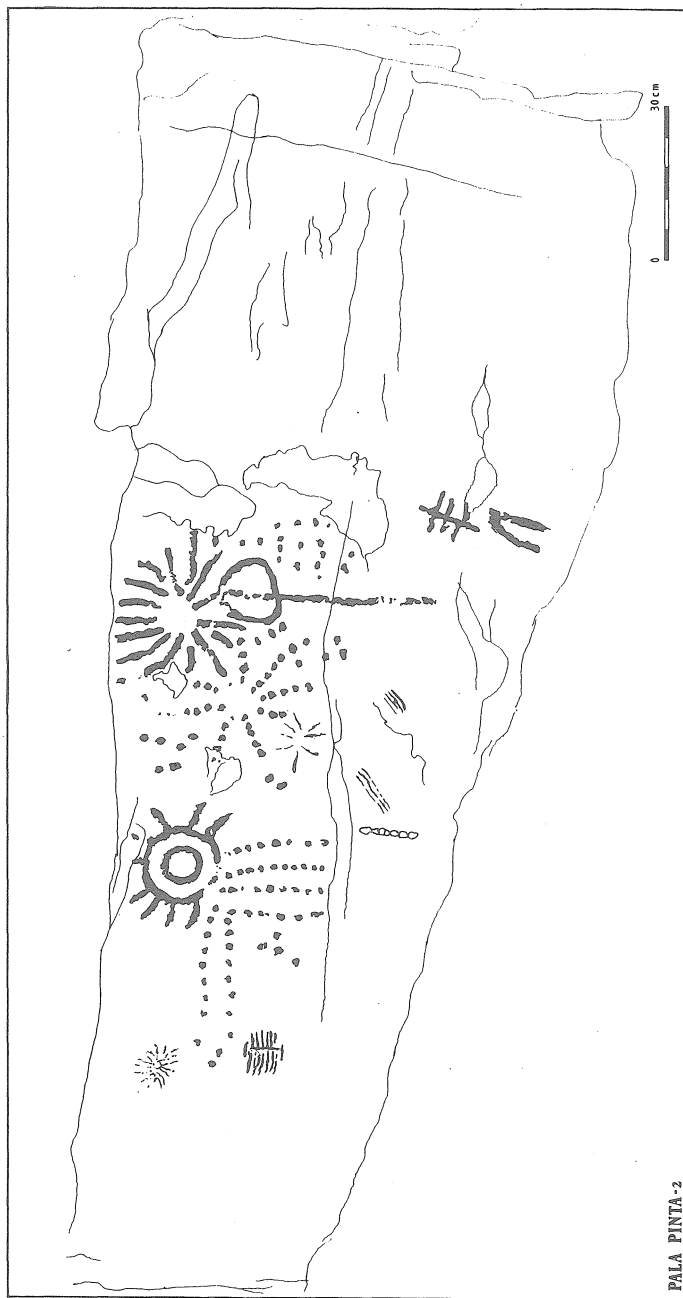
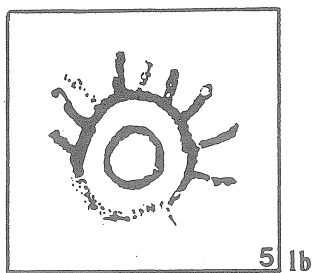
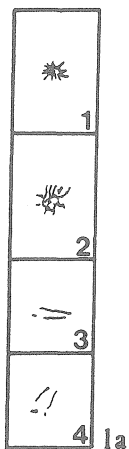


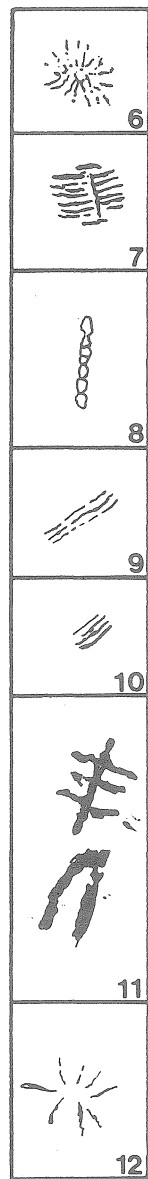
Fig. 3 — Painel 2.



PALA PINTA



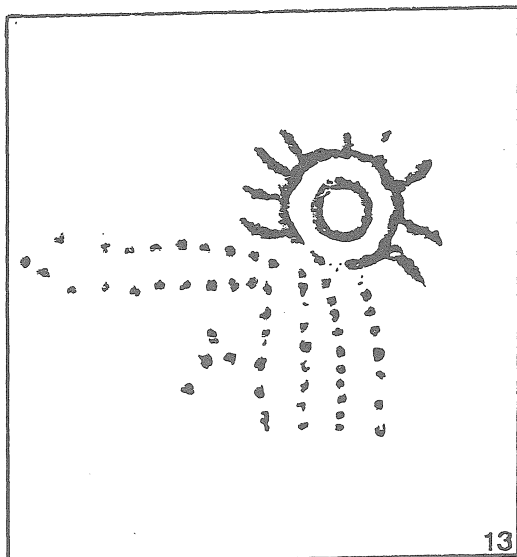
Fig. 4



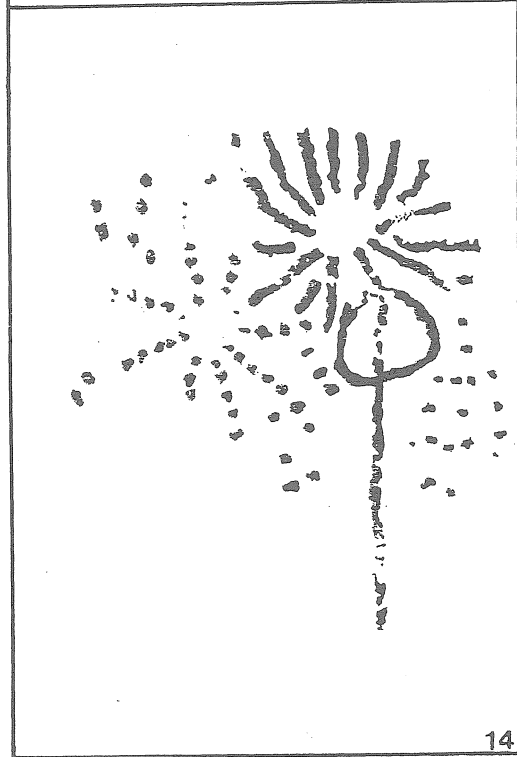
PALA PINTA



Fig. 5



13



14

PALA PINTA



Fig. 6

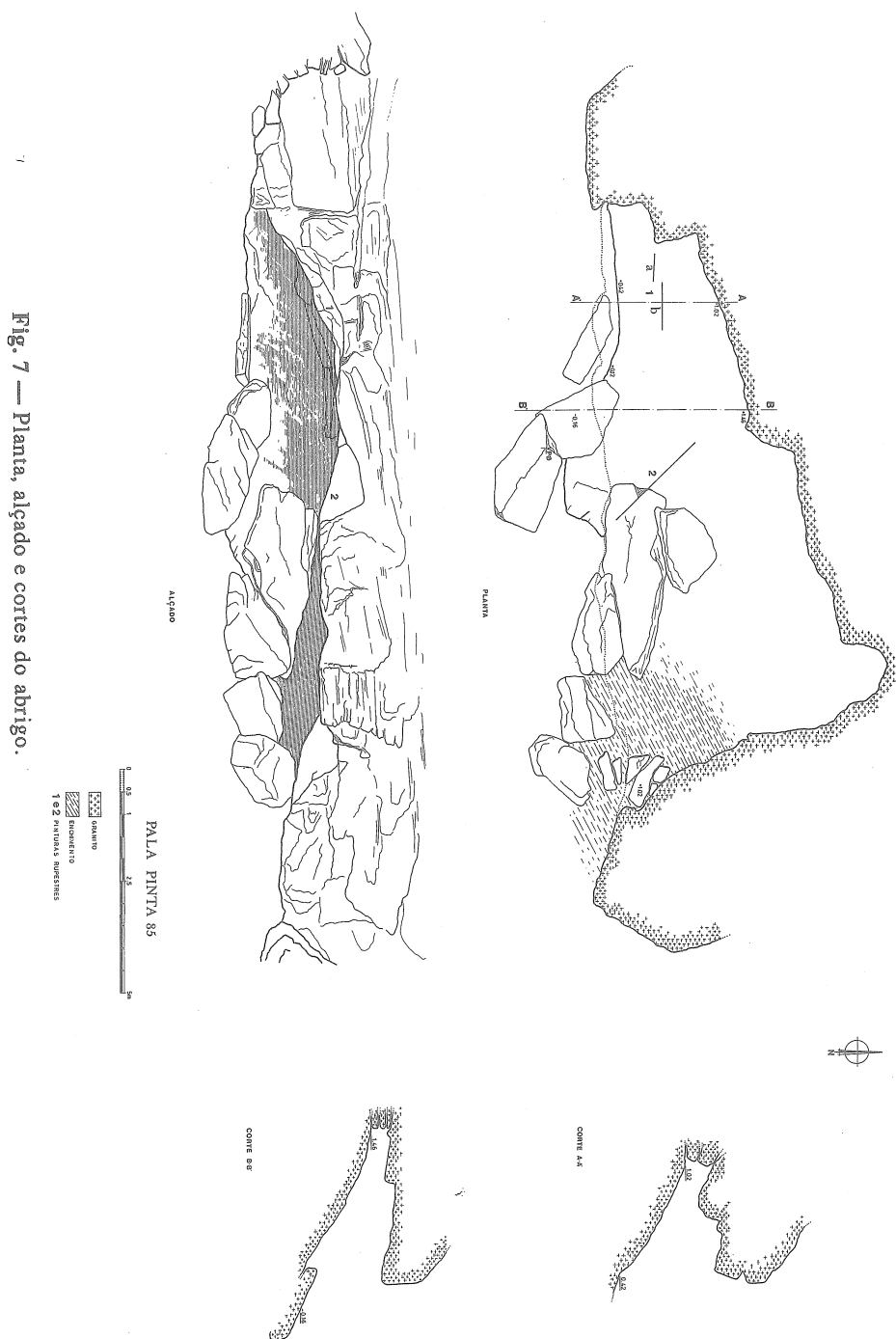


Fig. 7 — Planta, alçado e cortes do abrigo.

- 1 e 2 — duas figuras esteliformes com evidentes conotações solares;  
 3 e 4 — figuras compostas de linhas quase paralelas, associadas duas a duas;  
 5 — figura composta por dois círculos concêntricos; o exterior é raiado;  
 6 — figura esteliforme semelhante aos motivos 1 e 2;  
 7 — figura «arboriforme», com carácter antropomórfico;  
 8 — figura em «cadeia», composta de sete «anéis», em posição vertical;  
 9 e 10 — figuras semelhantes às n.ºs 3 e 4, mas além de serem perfeitamente paralelas são compostas de três e quatro linhas respectivamente;  
 11 — grande figura representando, sem dúvida, a figura humana;  
 12 — figura esteliforme, semelhante aos n.ºs 1, 2 e 6;  
 13 — o mesmo motivo da figura nº 5, isto é, dois círculos concêntricos com o exterior raiado, no entanto associado a dois conjuntos de pontos, que partindo da base, formam duas linhas horizontais e quatro verticais, há ainda entre estas, quatro pontos, aparentemente não relacionáveis;  
 14 — duas figuras esteliformes; uma feita unicamente com pontos; a outra a traço e associada a um antropomorfo em fi; à esquerda e à direitas destes, aparentemente não formando nenhuma figura identificável.

Assim, neste abrigo ressaltam várias conclusões. Por um lado temos em evidência a predominância de motivos relacionados com o sol. Em nossa opinião os motivos n.ºs 1, 2, 6 e 12 são mesmo representações do astro-rei. Por outro lado temos motivos antropomórficos, n.ºs 7, 11 e 14 (embora este último associado directamente à figura solar). A reforçar o simbolismo solar deste abrigo temos as figuras n.ºs 5 e 13. Estes motivos, círculos concêntricos são comuns na arte megalítica, embora gravados<sup>6</sup>. Ressalvam-se aqui dois aspectos; o primeiro é o facto de estes (deste abrigo) serem raiados (o nº 13, além disso, com as linhas de pontos referidas anteriormente). O segundo aspecto é o facto de ter sido identificado por nós em Baião, na Mamoa 3 de Chã de Parada, um conjunto de cinco círculos, dois dos quais concêntricos, também pintados<sup>7</sup>. A juntar as estas considerações não queremos deixar de referir um motivo esteliforme (embora gravado) do Dolmen 1 de Chã de Parada, publicado por E. S. Twohig<sup>8</sup> e a sua semelhança quer com a figura nº 12 da Pala Pinta quer com dois motivos da rocha gravada do Poço da Moura, Vila Flor<sup>9</sup>.

Pelo o que foi dito atrás, pensamos que a cronologia deste abrigo se situará entre meados e fins do III milénio, anterior à cronologia proposta por António Martinho Baptista, que situa a Pala Pinta «numa fase ainda anterior à Idade do Bronze ou mesmo nos seus primórdios»<sup>10</sup>.

Para finalizar, o objectivo deste trabalho, além de trazer algumas novas pistas para o estudo da arte rupestre no Norte de Portugal, era exemplificar a representação (em planta, alçado e corte) de um abrigo de arte rupestre, com a orientação dos painéis pintados, numa altura em que novos abrigos com pinturas tem vindo a ser descobertos no Norte do país.

ORLANDO SOUSA

Arqueólogo. Serviço Regional de  
Arqueologia da zona Norte.

<sup>6</sup> TWOHIG, E. S. (1981), *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.

<sup>7</sup> SOUSA, O. (1988), *As Pinturas Rupestres da Mamoa 3 de Chã de Parada — Baião*, «Arqueologia», Porto, 17, pp. 119-120.

<sup>8</sup> Op. Cit.

<sup>9</sup> Levantamento do signatário, a publicar em 1990.

<sup>10</sup> BAPTISTA, A. M. (1988), *Arte Rupestre Pós-Glaciária. Esquematismo e Abstracção*, «História da Arte em Portugal», Lisboa, Vol. 1, p. 36.